CADERNOS MACAMBIRA

*ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2195.*
*Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver*

**ARTIGO / ARTICLE**

# O AMOR COMO FUNDAMENTO DA MEDIAÇÃO FAMILIAR: UMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR SOBRE CONTEXTOS FAMILIARES E SUBJETIVIDADE

## LOVE AS FOUNDATION OF FAMILY MEDIATION: A TRANSDISCIPLINARY PERSPECTIVE ON FAMILY CONTEXTS AND SUBJECTIVITY

**Afraédille Ribeiro[1*], Elessandro Feitosa da Silva[2], Mariele Almeida Nonato[3], Rosiane Alves dos Santos[4]**

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Especialista em Direito de Família e Sucessões (CERS). Graduada em Direito (UCSal). *Autora correspondente: afraedille@gmail.com.
[2] Mestre e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Família na sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Especialista em Direito Matrimonial Canônico (Instituto São Tomás de Aquino). Licenciado em Filosofia e Matemática (CEUCLAR).
[3] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Família na sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador/ Bahia.
[4] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família na sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Especialista em Mediação (Faculdade de Mediação).

**Recebido**: 03/05/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 27/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

**RESUMO:** Este artigo investiga o papel do amor como fundamento da mediação familiar, transcendendo abordagens puramente técnicas e instrumentais. Argumenta-se que a mediação, enquanto prática de cuidado, deve integrar as dimensões biopsicossociais, históricas e espirituais do conflito, valorizando a subjetividade e os contextos familiares. Através de uma perspectiva transdisciplinar, que abrange filosofia, sociologia, antropologia e direito, o estudo explora a evolução do conceito de amor desde a antiguidade até a contemporaneidade, destacando sua capacidade estruturante e transformadora das relações humanas. A discussão se aprofunda na compreensão de como a complexidade das relações afetivas, desvelada por diversas lentes teóricas – da psicanálise às teorias da comunicação –, exige uma abordagem mediadora que transcenda o meramente legal, engajando-se na reconstrução do sentido e na validação das experiências subjetivas dos envolvidos, conforme proposto por abordagens sistêmicas e narrativas no campo da resolução de conflitos.

**Palavras-chave**: Relações afetivas. Mediação familiar. Abordagem histórica e transdisciplinar.

**ABSTRACT**: This article investigates the role of love as the foundation of family mediation, transcending purely technical and instrumental approaches. It argues that mediation, as a care practice, should integrate the biopsychosocial, historical, and spiritual dimensions of conflict, valuing subjectivity and family contexts. Through a transdisciplinary perspective encompassing philosophy, sociology, anthropology, and law, the study explores the evolution of the concept of love from antiquity to the present day, highlighting its structuring and transformative capacity in human relationships. The discussion delves into understanding how the complexity of affective relationships, revealed through various

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

theoretical lenses – from psychoanalysis to communication theories – demands a mediating approach that transcends the merely legal, engaging in the reconstruction of meaning and the validation of the subjective experiences of those involved, as proposed by systemic and narrative approaches in the field of conflict resolution.

Keywords: Affective Relationships. Family mediation. Historical and Transdisciplinary perspective.

## INTRODUÇÃO

A crescente complexidade dos contextos familiares contemporâneos e a concomitante fragilização dos laços sociais impõem novos desafios à resolução de conflitos, especialmente aqueles que emergem no seio da família. Tradicionalmente, o sistema jurídico tende a abordar tais litígios sob uma ótica adversarial e técnica que, embora eficaz em certas esferas, muitas vezes revela-se insuficiente para lidar com a intrincada teia de vínculos afetivos, simbólicos e existenciais que caracterizam as relações familiares. Essa abordagem pode gerar um distanciamento entre as partes em conflito e as instâncias de pacificação, resultando em soluções fragmentadas e desprovidas de profundidade, incapazes de promover a reconstrução do sentido e dos laços afetivos. Esse diagnóstico converge com críticas feitas por teóricos da justiça restaurativa, como Howard Zehr (Zehr, 2002), que apontam para a falha dos sistemas punitivos e adversarial em curar as feridas sociais e reconstruir as relações, focando mais na culpa do que na reparação e na restauração do tecido social.

Diante desse cenário, a mediação familiar surge como uma alternativa promissora, demandando uma redefinição paradigmática que transcenda o mero instrumento procedimental. Propõe-se, neste trabalho, que a mediação seja compreendida como uma profunda experiência de cuidado, de abertura à alteridade e, fundamentalmente, como uma manifestação do amor em sua dimensão mais abrangente: a "amorosidade". A qual, é entendida como a expressão mais elevada da espiritualidade humanística, que, apesar de sua pluralidade de definições, mantém como cerne a busca de significado que se manifesta na alteridade, deve figurar como o eixo central para a redefinição e humanização da prática mediadora, desdobrando-se como uma experiência subjetiva e intersubjetiva que sustenta o equilíbrio psíquico e a capacidade de

lidar com desafios existenciais, permitindo que os conflitos sejam ressignificados e os vínculos restaurados.

Essa visão se alinha à "ética do cuidado" desenvolvida por pensadoras como Carol Gilligan (Gilligan, 1982) e Nel Noddings (Noddings, 1984), que destacam a importância das relações, da empatia e da responsabilidade mútua na tomada de decisões éticas, contrastando com modelos que priorizam a abstração e a universalidade de princípios em detrimento da concretude das relações humanas. No contexto da mediação, o cuidado não é apenas um instrumento, mas um valor intrínseco que capacita os indivíduos a se moverem de uma posição de conflito para uma de possível compreensão mútua.

Para sustentar essa tese, este artigo percorre um caminho transdisciplinar, integrando reflexões da filosofia, sociologia, antropologia e direito. Inicialmente, explorar-se-á as diversas conceituações do amor, desde a antiguidade grega e o pensamento cristão até as análises contemporâneas que abordam suas tensões e desafios (Menezes, 2023; Platão, 2011).

Em seguida, discutir-se-á a mediação familiar sob uma perspectiva holística e ética, enfatizando a necessidade de uma formação humanística do mediador, capaz de superar o narcisismo e de acolher o sofrimento humano com compaixão e empatia. Por fim, analisar-se-á o arcabouço normativo brasileiro que institucionaliza a mediação como método consensual e restaurativo, articulando-o com os princípios da espiritualidade humanística e do amor como pilares para a construção de uma justiça mais inclusiva e relacional.

## A COMPLEXIDADE DO AMOR E DAS RELAÇÕES HUMANAS: DIÁLOGOS HISTÓRICOS E CONTEMPORÂNEOS

O conceito de amor, em suas múltiplas manifestações, tem sido objeto de reflexão filosófica e cultural ao longo da história, revelando-se um ente estruturante e uma força motriz fundamental da existência humana (Menezes, 2023). Sua compreensão é essencial para fundamentar a mediação familiar em bases mais sólidas e humanizadas, pois o amor, longe de ser um sentimento unívoco, é um campo de forças complexas onde se entrelaçam desejo, afeição, responsabilidade e o reconhecimento do outro, elementos centrais para a dinâmica dos conflitos e suas resoluções (Schopenhauer, 2005; Irigaray, 1984).

## Perspectivas clássicas sobre o amor

Na antiguidade grega, o amor (Eros) foi concebido sob diversas nuances. Para Hesíodo, Eros é uma força primordial e cosmogônica que organiza o Caos inicial em Cosmos, atuando como um princípio de coesão universal (Menezes, 2023). Essa perspectiva, que atribui a Eros a capacidade de gerar e ordenar o mundo, antecipa a dimensão do amor como força criativa e fundadora de relações, não apenas em um sentido macrocósmico, mas também microcosmicamente na formação da subjetividade e dos laços sociais (Eliade, 1959).

Platão, em O Banquete, aprofunda essa concepção, apresentando Eros como um daimôn, um mediador entre o humano e o divino, que impulsiona o indivíduo em direção ao Belo e ao Bem absolutos, buscando a perfeição e a imortalidade através da contemplação e do conhecimento. Esta é uma aspiração à totalidade e à verdade, que se manifesta por meio da dualidade entre o mundo sensível e o mundo inteligível (Menezes, 2023; Platão, 2011). A ascensão dialética platônica, do amor pelos corpos ao amor pelas ideias e à Beleza em si, representa uma busca por um fundamento transcendental para o desejo humano, que, embora idealizada, ressalta a capacidade do amor de elevar a condição humana.

Complementando, Aristóteles distingue a Philia, o amor de amizade, como uma escolha voluntária, recíproca e baseada na virtude e no bem do amigo, essencial para a eudaimonía (felicidade) (Menezes, 2023). Diferente de Eros, que pode ser impetuoso e até avassalador, Philia é um amor mais calmo, racional e duradouro, fundamental para a construção de uma comunidade ética, como enfatizado por Martha Nussbaum em sua análise das emoções e da ética aristotélica, onde as relações interpessoais são a base da vida boa (Nussbaum, 1986).

As distintas visões sobre Eros apresentadas no "Banquete" de Platão revelam a complexidade do sentimento. Fedro o descreve como uma divindade antiga e venerável, fonte de virtude e nobreza, que inspira coragem e auto sacrifício (Platão, 2011). Pausanias, por sua vez, diferencia o Amor Celestial

(Afrodite Urânia), que busca a afeição pela alma e a sabedoria, do Amor Popular (Afrodite Pandemos), que se dirige ao corpo e ao prazer imediato, ressaltando que a moralidade do ato de amar reside no propósito. Erixímaco expande o conceito, vendo o amor como um princípio universal de harmonia que rege tanto as almas humanas quanto o cosmos, aplicando-se à medicina, música e astronomia.

Essas abordagens clássicas fornecem um substrato rico para compreender o amor não apenas como sentimento, mas como uma força ontológica e teleológica, orientadora da existência e da harmonia, análoga ao necessário equilíbrio nas relações familiares. A polissemia de Eros no Banquete demonstra que o amor, desde suas primeiras conceituações, já era entendido como um fenômeno multifacetado, capaz de gerar tanto a mais alta virtude quanto a mais trivial das paixões, exigindo, em qualquer caso, um discernimento sobre seus objetos e suas intenções – um paralelo útil para a complexidade das motivações subjacentes aos conflitos familiares.

**O amor no pensamento cristão**

O pensamento cristão, influenciado por Platão, integra o amor à busca pela felicidade e salvação. Santo Agostinho, por exemplo, associa a felicidade à posse de Deus, o "Sumo Bem", e o amor Ágape (caridade) como um dom divino, incondicional e substancial, que transforma a realidade humana e se manifesta no amor ao próximo (Menezes, 2023).

A distinção entre Ágape e Eros é crucial aqui; enquanto Eros é frequentemente concebido como um amor ascendente e possessivo que busca o bem para si, Ágape, como detalhado por Anders Nygren (Nygren, 1953), é um amor descendente, abnegado e sacrificial, que flui de Deus e se doa incondicionalmente ao outro, independentemente de seu valor ou mérito. Essa ideia de amor incondicional e transcendente é fundamental para a ética da alteridade que a mediação familiar busca promover, pois convida os mediandos a olhar para além de suas próprias dores e ressentimentos em direção à compreensão e acolhimento do outro, mesmo em um contexto de rompimento.

São Tomás de Aquino, alicerçado em Aristóteles, aborda o amor como uma paixão, um "apetite da alma" que tende ao bem em níveis natural, sensível

e espiritual. Para Aquino, o amor, mesmo o passional, é o princípio do movimento em direção ao bem, e a amizade é uma forma de amar o outro pelo que ele é, buscando reciprocidade e aperfeiçoamento mútuo (Menezes, 2023).

O Ágape cristão, em particular, insere a dimensão da incondicionalidade e da alteridade radical, que são cruciais para a prática da mediação, pois demanda uma postura de abertura e acolhimento que transcende as barreiras do egoísmo e da retribuição, buscando a reconciliação e o bem-estar mútuo como um imperativo ético.

**A amizade como construção cultural e suas tensões**

A amizade, enquanto forma de amor, também se revela uma construção cultural e social complexa. Claudia Barcellos Rezende, em "Mágoas de Amizade: um Ensaio em Antropologia das Emoções", demonstra como o conceito de amizade varia culturalmente (e.g., entre português e inglês) e como as emoções, nesse contexto, não são meros estados subjetivos, mas práticas discursivas permeadas por negociações de poder. O ideal de "ser eu mesmo" (true self), central para os ingleses entrevistados, confronta-se com a valorização da polidez, gerando tensões. Termos como "grosseiro" e "ofensa" indicam crises nas relações, ligadas à falta de reciprocidade e atenção. O contexto social e de gênero influencia essas tensões, mostrando que a amizade é um espaço de negociação entre individualidade e sociabilidade (Rezende, 2007).

Essas mágoas e tensões são análogas às que emergem nos conflitos familiares e que a mediação deve endereçar. A análise de Rezende é particularmente relevante para a mediação, pois ela ilumina como as expectativas culturais sobre as relações, a performance do self e a gestão das emoções moldam os conflitos.

Na família, onde as expectativas de lealdade, apoio e reciprocidade são ainda mais intensas, o desencontro entre o que se espera e o que se vivencia pode gerar mágoas profundas, dificultando a comunicação e a resolução. A mediação, nesse sentido, precisa ser sensível às "narrativas" que cada indivíduo constrói sobre a relação e o conflito (Sarat; Felstiner, 1995), ajudando a desconstruir essas narrativas rígidas e a reconhecer as complexas negociações de poder e de identidade que as subjazem.

## O amor na contemporaneidade: desafios e reinvenções

A sociedade contemporânea, marcada pelo individualismo e pela "liquidez" (Bauman, 2013), apresenta um amor "confluente" (Giddens, 1992, p. 139), que valoriza a autonomia pessoal e a satisfação individual, tornando as relações mais flexíveis e, por vezes, efêmeras (Menezes, 2023). O "amor líquido" de Zygmunt Bauman descreve relações que são percebidas como descartáveis, com a busca incessante por novidade e o medo do compromisso, refletindo a lógica do consumo que permeia a vida moderna. Essa volatilidade gera profundas inseguranças e ansiedades, especialmente quando as relações familiares, que outrora eram pilares de estabilidade, se desfazem, impactando a identidade e o senso de pertencimento dos indivíduos.

Nesse contexto, Alain Badiou, em Elogio do Amor, contesta a visão "securitária" do amor, promovida por tecnologias que buscam eliminar o acaso e o risco. Para ele, o amor é um "procedimento de verdade", uma experiência na qual se constrói uma verdade sobre o "Dois", a verdade da diferença entre dois indivíduos (Badiou; Truong, 2012, p. 25). O amor se inicia com um "evento" contingente (o encontro), mas seu verdadeiro significado reside em sua "duração", sendo uma "construção obstinada" que triunfa sobre os obstáculos (Badiou; Truong, 2012, p. 55-56).

Badiou (Badiou; Truong, 2012, p. 30) argumenta que o amor transcende o narcisismo, levando o sujeito a ir "além de si mesmo" para abraçar o "ser do outro", inclusive suas imperfeições. Essa perspectiva é vital para a mediação, pois encoraja os mediandos a reengajar-se com a alteridade do outro, a reconhecer a existência de uma verdade que emerge da interação, e a "obstinação" necessária para construir um novo futuro, mesmo que dissociado do modelo tradicional de família.

Já o amor parental, enraizado na responsabilidade e no desenvolvimento dos filhos, é um "dom de si" (Menezes, 2023). E o nascimento de um filho, dentro do amor, exemplifica a capacidade do "Dois" de dar à luz um novo mundo (Badiou; Truong, 2012, p. 60). Luc Ferry, em A Revolução do Amor: por uma Espiritualidade Laica, propõe que o amor, em suas manifestações modernas

(especialmente o parental), tornou-se o principal motor e fonte de sentido na sociedade ocidental, substituindo os "sagrados" tradicionais.

Ferry descreve o surgimento de um "segundo humanismo", onde o amor parental sacraliza o infantil, tornando a criança "sem preço". A expansão da simpatia, oriunda do amor privado, transborda para o domínio público, gerando solidariedade e preocupação com o "outro" em ações humanitárias (Ferry, 2012). Essa "espiritualidade laica" aceita a finitude e encontra sabedoria na própria existência, reconhecendo a singularidade e irreprodutibilidade dos seres amados (Ferry, 2012).

O contraste entre o "amor líquido" de Bauman e a "obstinada construção" de Badiou, ou a "espiritualidade laica" de Ferry, oferece um terreno fértil para a mediação. Enquanto Bauman alerta para os riscos da efemeridade, Badiou e Ferry propõem caminhos para a resiliência e a busca de sentido nas relações contemporâneas, mesmo diante das adversidades e rupturas. A mediação pode ser o espaço onde essa "construção obstinada" e essa "espiritualidade laica" de cuidado e reconhecimento mútuo podem ser cultivadas, permitindo que as partes, mesmo separadas, encontrem novas formas de relacionar-se a partir de um lugar de respeito e co-parentalidade (Fisher; Ury, 2011).

Essa rica tapeçaria conceitual demonstra que o amor, longe de ser um sentimento simplório, é uma força complexa, estruturante, transformadora e essencial para a compreensão e a prática da mediação familiar. Esta lida com a tensão entre individualismo e sociabilidade, e com a busca por sentido em um mundo secularizado. Ao abraçar essa complexidade, a mediação se posiciona não apenas como um método para resolver disputas, mas como um processo para ressignificar as relações humanas em um mundo em constante mudança, promovendo a autonomia relacional e a construção de futuros possíveis para as famílias.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, defendemos que o amor, em sua expressão mais abrangente, ocorre com espectros de uma espiritualidade humanística, o qual deve ser o fundamento primordial da mediação familiar. Longe de ser um mero sentimento idealizado, o amor revela-se uma força estruturante e

transformadora, capaz de rearticular vínculos e promover bens relacionais. Para solidificar essa tese, revisitamos a complexidade do amor desde suas raízes históricas e filosóficas, encontrando no Banquete de Platão uma rica tapeçaria conceitual que ecoa e aprofunda o papel da mediação na contemporaneidade.

As diversas vozes que se alternam no Banquete oferecem perspectivas essenciais para compreender a multifacetada natureza de Eros, e, por extensão, a complexidade inerente às relações familiares. Fedro, por exemplo, ao apresentar Eros como uma divindade ancestral que inspira virtude, coragem e auto sacrifício, sugere que o amor é a força motriz para a superação do egoísmo e a busca do bem-estar do outro – qualidades indispensáveis em um processo mediador que demanda a capacidade de ceder e de se engajar por um objetivo comum.

Pausânias, com sua distinção entre o Amor Celestial (Afrodite Urânia), focado na alma e na sabedoria, e o Amor Popular (Afrodite Pandemos), voltado ao corpo e ao prazer imediato, nos convida a refletir sobre a intenção e o propósito do amor. Na mediação, essa diferenciação é crucial para que os participantes transcendam as queixas imediatas e voláteis, buscando uma compreensão mais profunda das necessidades e aspirações recíprocas, elevando o foco das paixões efêmeras para a sustentabilidade da relação, mesmo que em um novo formato.

Eryximachus, por sua vez, ao descrever Eros como um princípio universal de harmonia que rege tanto a natureza quanto a alma humana, oferece uma metáfora poderosa para o objetivo da mediação. O mediador, assim como o médico ou o músico, busca restabelecer o equilíbrio e a coesão onde há disfunção e discórdia. Essa visão sublinha que a mediação familiar não é apenas sobre resolver disputas pontuais, mas sobre reconstruir a harmonia do sistema familiar, considerando as interconexões e a necessidade de balancear os diferentes elementos envolvidos.

Finalmente, a perspectiva socrática, transmitida por Diotima, de Eros como um daimôn – um mediador entre o humano e o divino – é a mais diretamente análoga à figura do mediador. Eros, como desejo do belo e do bom, é o impulso para a criação e a geração no belo, seja ela física, intelectual ou moral. No contexto da mediação, esse impulso se traduz no desejo de construir

um futuro melhor, de "gerar" novas formas de relacionamento que sejam mais justas, respeitosas e benéficas para todos os envolvidos, especialmente para os filhos.

Assim, a riqueza dos ensinamentos platônicos sobre Eros transcende milênios, fornecendo uma base filosófica robusta para a mediação familiar. Ela nos lembra que, para além das técnicas e procedimentos, a essência do processo mediador reside na capacidade humana de amar, de cuidar, de reconhecer a alteridade e de buscar a harmonia. Ao abraçar essa complexidade do amor, a mediação se reafirma como uma prática de profundo cuidado existencial, que não apenas resolve conflitos, mas nutre a esperança na reconstrução de laços e na promoção de uma espiritualidade relacional que permite às famílias enfrentar desafios e reinventar seus futuros com dignidade e afeto.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolás. **Elogio do amor**. Tradução de Alejandro Arozamena. Flammarion: Café Voltaire, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth.**The Normal Chaos of Love**. Cambridge: Polity Press, 1995.

ELIADE, Mircea. **Images and Symbols: Studies in Religious Symbolism**. Princeton: Princeton University Press, 1959.

FERRY, Luc. **A Revolução do Amor: por uma Espiritualidade Laica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FISHER, Roger; URY, William. **Getting to Yes**: Negotiating Agreement Without Giving In. Nova York: Penguin Books, 2011.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

GILLIGAN, Carol. **Different Voice**: Psychological Theory and Women's Development. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

IRIGARAY, Luce. **An Ethics of Sexual Difference**. Ithaca: Cornell University Press, 1984.

MENEZES, Jairo de Jesus. **Amor: conceito e problemática na antiguidade e na contemporaneidade.** São Paulo: Dialética, 2023.

NICHOLS, Michael P.; SCHWARTZ, Richard C. **Family Therapy**: Concepts and Methods. Boston: Allyn & Bacon, 2007.

NODDINGS, Nel. **Caring**: A Feminine Approach to Ethics and Moral **Education**. Berkeley: University of California Press, 1984.

NUSSBAUM, Martha C. **The Fragility of Goodness**: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

NYGREN, Anders. **Agape and Eros**. Filadélfia: Westminster Press, 1953.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2011.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de Amizade: um Ensaio em Antropologia das Emoções. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 507-537, jul./dez. 2007.

SARAT, Austin; FELSTINER, William L.F. **Divorce Lawyers and Their Clients**: Power and Meaning in the Legal Process. Nova York: Oxford University Press, 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZEHR, Howard. **The Little Book of Restorative Justice**. Intercourse, PA: Good Books, 2002.